

## Fluxo rural urbano

## Persistente migração

Eliseu Alves<sup>1</sup>  
Renner Marra<sup>2</sup>

O ÊXODO rural perde ímpeto no Brasil todo, mas ainda é expressivo, menos no Centro-Oeste, em função da pujança de sua agricultura e do pequeno tamanho de sua população rural.

Não obstante o intenso êxodo rural do pós década de 60, o pessoal ocupado no meio rural cresceu de 1940 a 1985. Parte da população urbana neste período empregou-se no meio rural. Nos períodos subsequentes a 1985, a ocupação rural decresceu intensamente, com tendência de queda, semelhante à da população rural e da ocupação.

A expressiva queda do emprego rural contraria as expectativas de programas, como os de agricultura familiar e reforma agrária, que visam a manter o emprego rural. Cabe ainda ressaltar que o intenso crescimento da agricultura e os programas mencionados, sem mudarem a tendência de queda para ocupação rural, reduziram sua intensidade no período de 2000 a 2007.

A contribuição do êxodo rural no crescimento das cidades caiu de 33,1% para 19,2%, entre os períodos de 1991 a 2000 e 2001 a 2007, respectivamente.

## As causas do fluxo migratório

- As oportunidades de emprego com salários mais elevados, incluindo-se neles as vantagens indiretas, do meio urbano;
- A mecanização da agricultura substitui trabalho, mas é opção, porque os salários, considerando-se a componente indireta, tornaram-na vantajosa.
- Com o passar do tempo, a população urbana, principalmente os jovens, por falta de treinamento e motivação, desinteressam-se pelo emprego rural, ou seja, o meio rural deixa de ser opção de emprego.
- No caso de desemprego, os desempregados urbanos contam com a valiosa ajuda do governo, o que também favorece a opção urbana para oferta de trabalho.

Mesmos nos municípios de população menor ou igual a 5.000, em 56,9% deles a população rural é menos da metade da população total. Nestes, o espírito urbano

prevalece, como também o desinteresse pelo emprego rural. Ademais, quando há demissões, a escolha imediata recai sobre a mão de obra ocasional, esta quase sempre residente no meio urbano.

As leis trabalhistas muito têm a ver com o êxodo rural, e isto é bem sabido. Além disso, o PIB *per capita* urbano cresce bem mais depressa que o rural. Ou seja, a produtividade média do trabalhador urbano cresce mais rapidamente que a do rural. Consequentemente, o mesmo ocorre com os salários.

Quando se confronta o salário mínimo com o salário rural, aquele cresce mais rapidamente que este. Acresce-se o efeito das luzes das cidades, em termos de educação, saúde, segurança no trabalho, facilidades de aquisição da casa própria, proteção contra o desemprego e oportunidades diversificadas de emprego. Tudo isso estimula o êxodo rural. As forças contrárias a ele se reduzem ao desemprego urbano, violência, maiores salários no campo, quando isto ocorre, e a oferta de terra pelo programa de reforma agrária, desde que não ofereça uma ilusão.

Muito mais forte que qualquer programa específico para segurar as famílias no campo, de um lado é expandir a demanda de alimentos via exportações e mercado interno, e de outro é dar condições à agricultura de responder à demanda. É essa a lição que o período 2000 a 2007 encerra, no qual houve forte expansão da agricultura e no qual se manteve a população rural do início do período. ■

1. Pesquisador e assessor do diretor-presidente da Embrapa.

2. Analista da Embrapa.

## Brasil: população rural e número de migrantes (em mil habitantes)

	Pop. Rural	Nº migr.	%	Pop. Rural	Nº migr.	%	Pop. Rural
	1991	1991-2000		2000	2000-2007		2007
Norte	4.107,0	771	18,8	3.914,1	673,0	17,2	3.630,0
Nordeste	16.721,3	4.223	25,3	14.759,7	1.659,0	11,2	14.770,0
Centro-Oeste	1.764,5	461	26,1	1.540,6	-25,0	-2,0	1.789,0
Sudeste	7.514,4	1.696	22,6	6.851,6	1.108,2	16,2	6.440,0
Sul	5.726,3	1.699	29,7	4.780,9	574,0	12,0	4.739,0
Brasil	35.834,5	8.850	24,7	31.847,0	3.986,0	12,5	31.368,0